



HERNÁNDEZ, Fernando, Ventura. HERNÁNDEZ, F. **Educación y Cultura Visual**. Sevilla: Publicaciones M.C.E.P. Hernández (1997).

LOPES DA SILVA, Aracy; LEAL FERREIRA, Mariana Kawal (org.). **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Fapesp, Global, Mari, 2001.

MARTINS, Miriam C, PICOSQUE Gisa e GUERRA M. Terezinha T. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

NÓVOA Antonio. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa – Portugal: Dom Quixote, 1992.

OSTROWER, Fayga. **"Universos da Arte"**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1983.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. **O Ensino da Arte: Contribuições para o Processo Ensino-Aprendizagem no Município de Aquidauana**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco-MS, 2005.



## AVALIAÇÃO CURRICULAR: REFLEXÕES DOS ESTAGIÁRIOS DE FISIOTERAPIA

Ana Lourdes Lucena de Sousa  
Elisangela André da Silva Costa

### Introdução

O presente estudo objetiva tecer uma reflexão a partir do olhar dos estagiários do curso de fisioterapia, vinculados à Universidade Paulista, no sentido de apreender impressões que se relacionem à avaliação curricular, tomando como referência elementos ligados ao estágio supervisionado, articulado à identidade dos referidos estagiários, as expectativas dos mesmos em relação ao curso, à experiência do estágio supervisionado e as aprendizagens decorrentes desse processo.

A implicação dos alunos no processo de avaliação curricular surge como elemento de extrema importância para a reflexão sobre os limites e as possibilidades do currículo prescrito e do currículo efetivamente vivenciado no curso de fisioterapia. O foco no estágio supervisionado possibilita perceber até que ponto tal elemento curricular cumpre com sua finalidade maior, que é promover uma aproximação crítica do futuro profissional com o contexto real de vivência da profissão (PIMENTA E LIMA, 2004).

Parte das inquietações em relação a esta questão surge da recente ampliação do número de cursos de fisioterapia abertos nas universidades brasileiras e da consequente inserção de um grande número de fisioterapeutas na docência do ensino superior sem o devido preparo pedagógico para lidar com as questões que transcendem a compreensão da formação como acúmulo de informações.

É nesse sentido que faz-se necessária uma investigação de cunho avaliativo acerca do estágio supervisionado, dos su-



jeitos e instituições nele implicados e nos horizontes que se definem a partir do que é vivenciado nesse processo.

Para tanto, foi realizada uma investigação de abordagem qualitativa, por meio da aplicação de questionário composto por respostas abertas, aplicado a uma amostra de 22 (vinte e dois) estagiários de Fisioterapia do Campus Bacelar da Universidade Paulista.

### Desafios presentes na formação do fisioterapeuta

O Brasil tem vivenciado entre o final do Sec. XX e o início do Sec. XXI uma clara expansão do Ensino Superior. Dentro desse contexto observa-se o crescimento do número de cursos de fisioterapia implantados no país. De acordo com o Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa – INEP, registram-se, no ano 2003, a existência de 88.508 acadêmicos de fisioterapia matriculados em 375 cursos espalhados pelo pelos mais diferentes estados. O Instituto aponta, ainda, que cerca de 12.615 fisioterapeutas foram formados neste mesmo ano.

Compreendemos que a expansão ora mencionada necessita de uma estrutura que compreende além de espaços físicos e instituições que recebam os estagiários, uma equipe de docentes responsável pelo desenvolvimento curricular.

Nesse sentido, é importante destacar que a docência nestes cursos sofre pela frágil preparação dos profissionais para lidar com questões de ordem pedagógica, uma vez que o Fisioterapeuta muitas vezes ingressa no exercício do magistério apenas com o curso de bacharelado, acompanhado de uma especialização *lato sensu*, nem sempre é ligada à docência na universidade.

Em um estudo, intitulado “O fisioterapeuta na docência: o ensino da profissão nas atividades de estágio curricular” (SOUSA, 2010), elencamos alguns dos principais desafios postos aos docentes universitários no desenvolvimento de suas atividades. Dentre eles, destacamos:

- **Os princípios da competitividade, da concorrência e da lucratividade estão presentes no mercado de trabalho e afetam a Universidade.** Nesse sentido, os indicadores de qualidade (total) interferem de forma negativa no trabalho docente, que se configura como ineficiente diante dos contextos de crise e instabilidade de vividos na sociedade;
- **Muitos fisioterapeutas que entram na docência não receberam formação pedagógica.** Em decorrência desta questão estes profissionais tendem a reproduzir as práticas dos seus antigos professores, não alcançando a compreensão da docência enquanto práxis (PIMENTA, 2009). Fato que dificulta a compreensão crítica da profissão no contexto social em que nos encontramos atualmente;
- **Dificuldades próprias da sociedade do conhecimento.** Vivemos em uma realidade marcada pela velocidade das informações em decorrência dos avanços das tecnologias da informação e da comunicação. No entanto, é necessário compreender que o processo de produção do conhecimento é bem mais abrangente que o consumo de informações (MASETTO, 2003). Assim, o docente precisa lidar com elementos como a problematização dos conteúdos; a seleção, a organização e a análise de informações; para enfim, proceder a construção de novos conhecimentos.

Essas entre outras questões afetam de forma direta o ensino e a aprendizagem nos cursos de nível superior, implicando a necessidade de avaliação dos alcances do mesmo em relação ao tipo de profissional que se pretende formar e do tipo de profissional que a sociedade precisa.

Considerando a complexidade do trabalho docente, considerando-o como prática social, faz-se necessário atentar para di-



mensões nem sempre valorizadas nos processos de formação profissional, como o psicológico e o afetivo-emocional dos alunos.

Tal cuidado implica em não perder de vista os valores, a cultura, presentes na dimensão individual e coletiva da identidade do fisioterapeuta e dessa forma contribuir para uma formação mais comprometida com a dimensão ética da profissão.

### O ensino da fisioterapia nas atividades do Estágio Curricular

Ao situarmos a complexidade da docência no Ensino Superior dos cursos de Fisioterapia intencionamos indicar a importância do Estágio Supervisionado como um momento de extrema importância para a superação de perspectivas reprodutivistas encontradas em práticas docentes, aproximando essa atividade de uma reflexão sobre o contexto de vivência da profissão, considerando os conhecimentos necessários e os limites/possibilidades encontrados nas diferentes instituições onde atuam esses profissionais.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), o Estágio é um tempo/espaço em que se reflete, de forma privilegiada, sobre a prática profissional. O professor que conduz essa disciplina desenvolve concomitantemente as funções de compreender e ensinar as funções inerentes à prática do fisioterapeuta, além de conduzir a instrumentalização dessa prática. Tais funções visam garantir o disposto na Resolução CNE/CES 4, de 19 de fevereiro de 2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia e regulamenta o Estágio Supervisionado, destacando elementos como carga horária mínima de 20% do total do curso, assegurando a prática de intervenções de ordem preventiva e curativa nos níveis ambulatorial, hospitalar e comunitário.

Aliada às questões acima mencionadas destacamos a necessidade de conhecimento da identidade dos alunos; de suas



expectativas e anseios em relação ao estágio e ao exercício da profissão, assim como as impressões dos mesmos em relação ao desenvolvimento dessas atividades.

A avaliação do currículo prescrito e vivido deve considerar os diferentes sujeitos, compreendendo que cada visão colabora para a identificação de novas possibilidades de articulação entre o projeto político pedagógico e as reais demandas sociais (alunos, professores e sociedade).

Assim, passamos a apresentar os dados coletados por ocasião da aplicação dos questionários, que servem como referência para uma reflexão acerca dos limites e possibilidades da formação do fisioterapeuta na contemporaneidade.

### Avaliação curricular articulada aos resultados da pesquisa empírica

É necessário refletir sobre a maneira como as reflexões sobre avaliação podem se constituir em um contributo aos especialistas em desenvolvimento e à avaliação curricular. Nesse sentido, Lewy (1979) em *Avaliação de currículo* apresenta importantes considerações teóricas e recomendações práticas, que tratam da natureza do processo avaliativo e apresenta uma visão dos diversos modelos que marcaram o trabalho empírico de avaliação de currículo, colaborando para o debate alguns conceitos básicos, presentes nos pontos de vista educacionais contemporâneos, como *investigação, descoberta, resolução de problemas, funções mentais superiores, síntese e criatividade*. Assim é delineada uma concepção de currículo e feito o alerta dos vários sentidos que o termo pode adquirir, de acordo com os contextos nos quais está situado.

Outra importante colaboração trazida pelo autor diz respeito à influência de modelos nos estudos empíricos, mostrando que apenas alguns modelos de avaliação curricular têm sido amplamente empregados, em decorrência de focalizar carac-



terísticas particulares, assim como para funções específicas e prescrevendo padrões específicos de atividades de avaliação.

Buscando vivenciar as categorias investigação, descobertas e resolução de problemas no contexto do estágio em fisioterapia, passamos a apresentar os dados coletados, que se constituem como norte para reflexões mais abrangentes sobre o currículo do curso ora investigado.

### *O perfil*

Os alunos estagiários entrevistados, em número de 22, estão cursando o 4° (quarto) ano de Fisioterapia na UNIP (Universidade Paulista). O perfil do aluno de Fisioterapia é composto, em sua maioria, de estudantes (81,8%) e apenas uma minoria trabalha e estuda (18,18%). Prevalece o sexo feminino (86,3%), o estado civil, solteiro (87%), e há uma predominância da faixa etária de 20 a 29 anos (86,3%).

### *Breve histórico da vida*

Fez-se um breve histórico da vida dos entrevistados e chegou-se à conclusão de que 72,7% deles estudaram em escolas particulares e, apenas, 27,2%

em escola pública. Ainda percebemos que poucos voltaram a estudar depois de muito tempo longe da vida escolar – 9,09% – e 13,6% não eram bons alunos no Ensino Médio e Fundamental. Somente 9,09% dos entrevistados optaram pela mudança de área.

Ao serem solicitados a falar sobre as histórias de suas vidas, os pesquisados optaram pela vida escolar e, assim, expressaram:

A minha vida escolar foi muito boa. Sempre estudei em escola particular, aqui em São Paulo. Nunca fui estudiosa, até chegar à faculdade (E3)

Estudei durante todo o ginásio em escola estadual, quando passei para o colegial comecei a estudar em



colégio particular, fiz cursinho, tentei durante dois anos entrar na faculdade de medicina e hoje estou aqui no último ano de Fisioterapia na UNIP (E9)

Fiz até o estágio dentro do período normal. Depois fiz supletivo, não consegui nada e parei de estudar (...). Há cinco anos atrás voltei a estudar e já estou terminando a faculdade (E15)

Sempre me interessei muito pelos estudos. Concluí o 1° grau e o 2° (Técnico em Secretariado); em seguida fiz vários cursos de computação mas percebi que essa não era a minha área e sim a área da saúde (E21)

### *O que você espera desta profissão?*

Uma das questões lançadas aos entrevistados era a seguinte: “O que você espera desta profissão?”, a maioria das pessoas optou pelo reconhecimento profissional e da profissão. As opções “Ajudar as pessoas” e “Retorno pessoal e financeiro” vieram em segundo lugar. Em seguida, observou-se a escolha desta profissão pela experiência na área, satisfação pessoal e profissional e, ainda, por ser uma profissão gratificante. Alguns optaram pela qualidade de vida dos pacientes. Apenas um dos entrevistados optou pelo sucesso.

A satisfação pessoal, que virá acompanhada de um sorriso e um agradecimento (E1)

Espero tratar dos meus pacientes, dar-lhes carinho e melhor qualidade de vida e espero reconhecimento e gratidão da parte deles (E13)

Posso ser uma profissional bem sucedida e ter um trabalho sério e reconhecido perante outros profissionais para o bem estar do paciente (E17).

Comparando com a mesma pergunta feita aos professores, verificou-se que o desejo de valorização da profissão é o grande anseio do ser humano.



Chauí (1998, p. 15), ao falar sobre o desemprego que assola a humanidade atualmente, lamenta que já *houve tempos de angústias mais amargas, de grande ferocidade e crueldade*, mas pela primeira vez, o trabalho humano está ameaçado, sem estabilidade, precarizado e terceirizado.

### *A insegurança para atuar no mercado de trabalho*

Quando perguntamos se sentiam-se preparados para atuar como Fisioterapeutas, 59% responderam positivamente enquanto 27,4% disseram que não e 13,6% não responderam.

Sim. Me dedico muito aos estudos e acho que tudo o que aprendi conseguirei passar para outras pessoas, mas sempre estudando e aprendendo cada vez mais (E 12)

Hoje sim. Agora que estamos realmente atendendo e colocando em prática tudo o que foi ensinado, posso dizer que já me sinto preparada, mas claro, consciente de que tenho muito a aprender (E14)

Não. Por que o que aprendemos na faculdade é o básico; terei que me especializar para poder trabalhar (E18)

Duas destas pessoas alegaram ter medo e outras duas achavam-se inseguras, destacando a necessidade de ter mais experiência no exercício da profissão.

As soluções para este problema foram dadas pelos próprios entrevistados que sugeriram mais estudo teórico, especialização na área, experiência prática, melhor preparação para atuar no mercado de trabalho, uma melhor aprendizagem e uma pessoa sugeriu que houvesse uma maior dedicação a outras áreas.

### *Por que Fisioterapia?*

A escolha da Fisioterapia como carreira profissional, uma das perguntas feitas aos pesquisados, teve como maior



índice de respostas a simpatia pela área por motivos familiares vivenciados ou que tenham convivido com a atividade de fisioterapeutas:

Por ter passado por um sério problema de saúde e ter sido curado através da Fisioterapia e por ter gostado do tratamento decidi fazer esta faculdade para trabalhar com prevenção (E3)

Meu avô tinha uma doença que precisava ser tratada com sessões de Fisioterapia. Com o tratamento diário, pudemos perceber sua melhora (E7)

Apaixonei-me pela Fisioterapia quando tive que me submeter a trinta sessões como tratamento de uma paralisia facial. Daí em diante nunca mais tirei da cabeça que iria fazer Fisioterapia, pois esta é uma profissão gratificante e de grande retorno positivo para nós profissionais e, principalmente, para os pacientes (E17).

Outros revelaram-se tendentes pela profissão em si:

Acho que esta é a única profissão na área de saúde em que se pode realizar um tratamento diretamente com o paciente, conhecendo-o como um todo (E4)

Sempre achei o processo de reabilitar um paciente muito bonito. É gratificante acompanhar os ganhos e até mesmo o retorno do paciente às suas atividades (E22).

As outras opções decorreram da aproximação com a medicina ou conhecimentos ligados ao corpo humano. 36,3% já havia vivenciado tratamentos fisioterápicos ou convivido com pessoas que utilizavam esse tipo de tratamento; 22,7% tinha interesse pela área da saúde; 18,1% admirava a profissão em si; 13,6% desejava cursar medicina, mas como não foi possível a



aprovação no vestibular para este curso, buscou uma área afim; 9,09% afirmou já trabalhar com massagem, portanto buscava a qualificação para a atividade já desenvolvida.

### *O Estágio como experiência*

Foi perguntado aos alunos sobre o Estágio curricular realizado no curso de Fisioterapia, com o objetivo de saber sobre o que essa atividade significava para suas vidas, tanto no âmbito profissional como pessoal. O estágio como elemento teórico e prático prevaleceu como fator de importância para a vida do futuro profissional (LIMA, 2001).

De acordo com as respostas observa-se as seguintes opiniões:

O Estágio, para mim, está sendo uma nova experiência de vida onde estou colocando o que aprendi na teoria além de aprender assuntos novos (E8).

É o contato com o desconhecido, a teoria posta em prática que causa medo e insegurança. Para quem nunca teve prática é fundamental e necessário (E15).

O Estágio representa a prática e esta, mais do que a teoria, nos faz amadurecer e faz com que nos preparemos para a vida profissional (E16).

Para a vida profissional, o Estágio é um período maravilhoso onde se aprende cada vez mais o que traz empolgação para trabalhar nesta área e para a vida pessoal o Estágio está trazendo mais maturidade e desenvoltura (E21).

### *Dificuldades do Estágio*

Quando perguntados sobre as dificuldades encontradas no Estágio, prevaleceram como maiores dificuldades: o relacionamento com os colegas estagiários, com outros profissionais da área e com os outros professores.



Algumas falas são citadas abaixo.

### *Quanto ao relacionamento:*

Aprender a lidar com os colegas de trabalho sem deixar que as diferenças quebrem a ética profissional (E3).

O relacionamento entre colegas é bem complicado, uma corda bamba (E6).

Agora, todos pacientes são ótimos (E9).

Uma grande dificuldade foi a competitividade entre colegas e falta de ética por parte de alguns destes (E7).

A convivência diária com pessoas desconhecidas, até então (E22).

### *Contato com o paciente/ hospital:*

(...) o contato com o paciente está sendo a principal dificuldade neste Estágio (E1).

A minha maior dificuldade foi o primeiro contato com o paciente na Ortopedia, Neurologia e na UTI – onde me senti um pouco nervosa e receosa de causar algum dano ao paciente (E4)

A principal dificuldade no começo de cada especialidade é o primeiro contato com o paciente; ver a necessidade do nosso serviço para ele e sentir que, muitas vezes, eles vêm em nós uma possibilidade de cura ou melhora do seu estado, que às vezes é bem pequena, mas para eles é enorme (E7).

### *Aspectos positivos do Estágio*

Quanto aos ganhos do período do Estágio, ou seja, os aspectos que trazem satisfação e aprendizagem significativas para os estagiários foram: a experiência (27,2%), conheci-



mentos adquiridos (31,8%) e o relacionamento com o paciente (22,7%). Dentre os elementos apontados destacaram-se, ainda, conhecimento prático; saber valorizar a saúde; saber ver o paciente como um todo, com todos os seus problemas e não só com sua dor física.

### Fontes de stress

As dificuldades vividas pelos estagiários constituem uma fonte de stress. Ao indagar sobre essa questão os alunos estiveram mais ligados ao momento do Estágio, apresentando poucos aspectos do curso.

Quanto ao período de estágio, se detiveram mais nos entres decorrentes da montagem, execução e avaliação das aulas práticas, tendo como maior repercussão negativa a pressão dos superiores do Estágio, provas e seminários. Outros fatores já citados no item G, que trata das dificuldades. Além dessas foram citadas: problemas com o trânsito e a localização dos Estágios, tempo hábil para o TCC, trabalho nas áreas e locais que não gosta, despreparo de alguns supervisores, falta de planejamento da universidade.

### Considerações finais

Percebemos no decorrer desta investigação alguns elementos que podem colaborar para o desenvolvimento de um currículo de fisioterapia mais voltado para a formação crítica dos futuros profissionais. Foram elencadas a complexidade do ato educativo, a expansão dos cursos de fisioterapia em território nacional, a fragilidade dos processos de formação dos fisioterapeutas/professores e os paradoxos entre consumo de informação e construção do conhecimento na sociedade atual como nós que limitam a promoção de uma formação mais crítica.

O Estágio supervisionado é apontado como possibilidade de aproximação com a profissão e leitura crítica dos limites



e das possibilidades presentes tanto na formação quanto nos contextos de atuação profissional, sendo portanto, elemento curricular de extrema importância.

As impressões coletadas dos estagiários revelam diversidades de origens, de histórias de vida, receios e desejos, além de experiências distintas de estágio.

Tais impressões representam a sinalização da necessidade de lidar de forma mais situada com as questões que afetam o desenvolvimento do Estágio e a construção de conhecimentos por parte dos alunos e professores. A capacidade de gerar problemas a partir das práticas observadas e vivenciadas e promover pesquisas que partam dos contextos profissionais e a eles retornem significadas deve ser alimentada pelos professores que acompanham os estagiários nesse momento tão importante de seu processo de formação.

Assim, a avaliação desses sujeitos simboliza a possibilidade de um encontro maior entre a universidade e as demandas sociais existentes na sociedade contemporânea.

### Referências

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP nº 4 de 18/12/2002. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/resol\\_cne3.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/resol_cne3.pdf). Acesso em 03 de setembro de 2008.

CHAUI, Marilena. Ética e violência. (Trabalho apresentado no Colóquio com Marilena Chauí) Londrina, SP, março de 1998.

COSTA – LIMA, Arnaldo Ribeiro. Sofrimento psíquico e trabalho de médico: desenvolvimento de instrumentos para o estudo crítico. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

LEWY, A. *Avaliação de currículo*. Trad. de Sandra Maria Carvalho de Paoli, Letícia Rita Bonato. São Paulo: EPUC Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.



LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e pesquisa:** contribuições para o debate. o estágio supervisionado e ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. (Coleção Magister)

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009. \_\_\_\_\_ ; LIMA, MSL. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

SOUSA, A.L.L. **O Fisioterapeuta na Docência:** o ensino da profissão nas atividades do estágio curricular. Colóquio Paulo Freire. Recife, 2010.



## AVALIAÇÃO CURRICULAR: UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO

*Carmesina Ribeiro Gurgel  
Aline do Nascimento e Silva  
Nayana do Nascimento e Silva  
Germaine Elshout de Aguiar*

### Introdução

A implantação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – (SINAES) em 2004, tem sido consolidado cada vez mais, especialmente no que se refere à avaliação dos cursos de graduação. Várias mudanças ou adequações de indicadores foram realizadas pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES, para fins de reconhecimento e renovação de reconhecimento para todas as modalidades de cursos de graduação. Nessa pequena trajetória é possível perceber alguns avanços em prol da qualidade do ensino superior, embora ainda é preciso fazer muito, mas, certamente, a institucionalização da avaliação, por meio do SINAES, provocou uma sacudida nas Instituições públicas e privadas no Brasil.

Cristovam Buarque, ex-ministro da educação, em uma de suas entrevistas na época, analisou a importância da avaliação e resumiu, nas seguintes palavras, que “não há Universidade sem avaliação, porque sem ela não há qualidade e, sem qualidade, não se consegue sucesso pessoal, nem capacidade de transformação.” Por acreditar na capacidade de transformar, revolucionar realidades, utilizando como instrumento a avaliação, focamos nosso objeto de estudo na análise do desempenho de cursos de graduação por meio da avaliação curricular. Como exemplo, citamos uma pesquisa realizada entre 2007 e 2009, na qualidade de tutora de Grupo do Programa de Educação Tutorial – PET de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI,